

APRENDIZAGEM NAS REDES SOCIAIS: COLABORAÇÃO ONLINE NA PRÁTICA DE ENSINO PRESENCIAL

Adriana Alves Novais Souza¹; Henrique Nou Schneider²

Grupo 2.2. *Docência na educação a distância: Práticas e estratégias pedagógicas dos diferentes agentes*

RESUMO:

O trabalho objetiva promover uma discussão sobre as possibilidades e desafios da utilização das redes sociais no ambiente escolar, enxergando-as como recurso pedagógico fomentador de uma aprendizagem colaborativa em ambiente virtual para ser aplicada à prática pedagógica de ensino presencial. Trata-se de uma pesquisa realizada entre docentes de uma escola da rede pública de ensino, evidenciando os resultados obtidos através da aplicação de um questionário que buscou delinear o perfil e a relação dos docentes com as Tecnologias da Informação e Comunicação em suas práticas. Diante do estudo, percebe-se que, ao elaborar propostas de ensino que permitam a utilização das tecnologias online, especificamente as redes sociais, de forma pedagógica, o docente estará promovendo maior autonomia do aluno.

Palavras-chave: *aprendizagem colaborativa, interação, redes sociais.*

ABSTRACT:

LEARNING IN SOCIAL NETWORKS: ONLINE COLLABORATION IN PRACTICE EDUCATION PRESENT

This paper aims to promote a discussion on the possibilities and challenges of using social networks at school, seeing them as an educational resource developers collaborative learning in a virtual environment to be applied to the pedagogical practice of teaching. This is a survey of teachers in a public school education, showing the results obtained by applying a questionnaire that sought to define the profile of teachers and the relationship with the Information and Communication Technologies in their practices. Before this study, it is clear that, in developing teaching proposals that allow the use of online technologies, specifically social networking, in a pedagogical way, the teacher will be promoting greater student autonomy.

Keywords: *collaborative learning, interaction, social networks.*

1. Introdução

Pensar nos desafios da educação no século atual e na modernização do processo de aprendizagem é pensar em tecnologias, em ensino a distância, em interação humano-computador. Sendo assim, não é possível proporcionar uma verdadeira mudança nas formas

¹ Professora da Rede Pública Estadual de Sergipe. Membro do GEPIED- Grupo de Estudos e Pesquisa em Informática na Educação: UFS/CNPQ. E-mail: dria.novais.souza@gmail.com.

² Professor do Núcleo de Pós-graduação do Mestrado em Educação e Coordenador do GEPIED- Grupo de Estudos e Pesquisa em Informática na Educação da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: hns@terra.com.br.

de ensinar e aprender que respondam a esses desafios sem questionar como e de que forma a prática pedagógica vem acontecendo no chão da escola, em sua base, ou seja, na educação básica.

O ensino a distância vem se consolidando como prática em Universidades e Instituições de ensino em todo o país, viabilizadas pelo acesso à Internet, através de páginas educacionais que agregam diversas funcionalidades, buscando oferecer ao cursista uma ambientação que simula a própria sala de aula, onde se é possível ler o material do curso, interagir com professores e colegas, realizar atividades e pesquisas, participar de debates e fóruns, dentre outras funcionalidades, através de Ambientes Virtuais de Aprendizagem-AVA.

Tal proposta responde a anseios da democratização do ensino superior ou de capacitação e formação de educadores, através de experiências exitosas em toda a rede nacional. Nesse sentido, as TIC tem desempenhado importante papel, favorecendo o acesso e a disseminação de cursos voltados para esta modalidade de ensino, graças ao acesso à Internet.

A modalidade de ensino a distância realizada através da Internet, em ambientes que permitem a cooperação e a colaboração entre os aprendizes, que incorporam o desenvolvimento de competências, é também denominada *e-learning*. Para Schneider (2006), o *e-learning* vem atender às novas demandas das instituições e dos indivíduos, pois oferece uma forma de aprendizagem rápida, de baixo custo e fácil acesso. Porém, o autor ressalta que não basta utilizar a Internet, é preciso que o AVA venha romper com o paradigma da educação que se baseia no ensino um-para-muitos, proporcionando uma aprendizagem colaborativa.

Para o autor acima citado, os AVA favorecem essa interação, não apenas na educação a distância mas também no ensino presencial, pois possui ferramentas, comuns a todos esses ambientes, que provocam a atuação autônoma do indivíduo, através de recursos para aprendizagem coletiva e individual, tais como: sala de bate papo, fórum de discussão, *email*, conteúdos dinâmicos e atividades *online*. Estas permitem atender a um número maior de indivíduos ao mesmo tempo, sem necessidade de deslocamentos para o ambiente de aprendizagem, no tempo e horário que cada um determinar para si.

Segundo tais pressupostos, a educação a distância vem crescendo em seu atendimento, tornando-se o meio de aprendizagem mais procurado pela sociedade contemporânea, graças às possibilidades de convergência de mídias, à interatividade e à hipertextualidade por ela promovidas, que envolvem um conjunto de interfaces para socialização da informação e de conteúdos de ensino e aprendizagem.

Conforme pesquisa de Ciribeli e Paiva (2011), brasileiros passam mais de 60 horas por mês navegando na Internet, especialmente através das redes sociais. O Brasil se configura hoje como o “país com o maior número de pessoas conectadas às redes sociais, com 87% de usuários ativos” (IBOPE apud CIRIBELI e PAIVA, 2011, p. 64).

A partir de tais dados, percebe-se o grande potencial da Internet, justificando sua escolha como recurso pedagógico capaz de fomentar uma aprendizagem mais significativa. Através de seu uso, é possível descentralizar o papel do professor, evoluindo-se para uma prática baseada no ensino de muitos para muitos, focada no processo de aprendizagem e não no conteúdo.

Conforme estudos de Manuel Castells (2003), um dos maiores estudiosos das interações sociais promovidas através da Internet, a Rede de Redes, o século XX provocou a união de três processos independentes: as exigências econômicas, as demandas sociais por

liberdade e comunicação e os avanços da tecnologia. Juntos, eles possibilitaram a criação de uma nova estrutura social, baseada nas redes, donde se compreende o rápido avanço e evolução de comunidades virtuais e a adesão em massa de todas as camadas da população, especialmente adolescentes e jovens adultos.

A interação exerce um papel protagonista nas relações sociais, o que, no caso das redes sociais *online*, só vem agregar valor ao processo de ensino e aprendizagem, tanto pela grande adesão de indivíduos, principalmente jovens, quanto pela quebra das barreiras geográficas e sociais que o ciberespaço favorece. A interação mediada pelo computador oportuniza as relações sociais e estas, conforme Recuero (2009), geram laços sociais.

A pesquisa buscou explorar o conceito de rede social, verificando os princípios que norteiam sua capacidade colaborativa, a fim de verificar a viabilidade da utilização das redes sociais nas práticas didáticas, favorecendo a interação professor-aluno e aluno-aluno.

Além da pesquisa bibliográfica, realizou-se uma pesquisa exploratória entre o corpo docente do Colégio Primavera³, a fim de diagnosticar seu perfil e as experiências com o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC - em sala de aula.

Após a pesquisa inicial, diagnosticou-se a falta de preparo do professor para o trabalho pedagógico com as redes sociais, o que incentivou a formação de um grupo focal, onde foram apresentadas informações, sugestões, experiências e propostas acerca do uso das redes e sua aplicabilidade como recurso pedagógico.

2. Por entre laços e nós: a dinâmica da colaboração em rede

As redes sociais não são fenômeno recente, nem tampouco surgiram com a Internet, mas sempre existiram na sociedade, motivadas pela busca do indivíduo por pertencimento, pela necessidade de compartilhar com outros os seus conhecimentos, suas informações e preferências. Porém, como afirma Wellman apud Recuero (2009, p. 93), as mais recentes descobertas tecnológicas que propiciaram o surgimento do ciberespaço “permitiram sua emergência como uma forma dominante de organização social. Como uma rede de computadores conecta máquinas, uma rede social conecta pessoas”.

O ciberespaço permite ao indivíduo interagir e compartilhar opiniões de forma mais espontânea. Segundo Lévy (1998), quanto mais este espaço se amplia, mais se torna “universal”, proporcionando uma comunicação todos-todos e o agrupamento por centros de interesse. Para o autor, essa troca favorece o desenvolvimento da inteligência coletiva, o que permite o amadurecimento de opiniões e estabelece relações de tolerância e compreensão mútua.

Nesse sentido, os indivíduos desenvolvem, além das afinidades citadas, um sentido de moral social, que engloba um conjunto de leis, não escritas, que regem as relações estabelecidas no ambiente.

As relações estabelecidas nesses ambientes são também analisadas por Castells (1999), o qual defende como positivo o impacto da comunicação via Internet sobre a intimidade física e a sociabilidade, considerando fora de contexto os temores acerca do empobrecimento da vida social, apontando fatos que comprovam o aumento de vínculos sociais, inclusive físicos, proporcionados pelo uso da Internet.

³ Nome fictício.

Para o autor, as redes configuram-se como um conjunto de nós, interconectados, formados por estruturas não lineares, flexíveis, dinâmicas, compostas de organizações formais ou informais. Tais nós são representados por indivíduos ou grupos de indivíduos, os quais detêm as informações. Assim, quanto mais conexões um nó consegue promover, mais forte ele se torna. Recuero (2009) confirma a importância dos nós (ou nodos) da rede para o processo de interação, definindo-os como cerne das redes sociais, conforme figura 1:

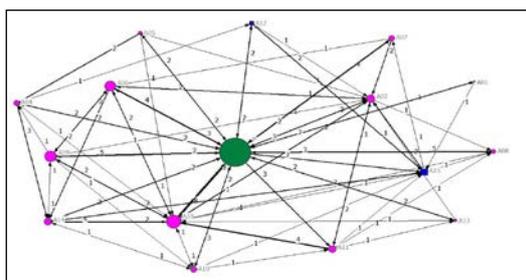


Figura 1. Representação gráfica das interações (grafo)
Imagem: Minhoto e Meirinho, 2011.

Outra característica da rede é apresentada por Costa et al (2003, p. 73), considerando-a como “forma de organização caracterizada fundamentalmente pela sua horizontalidade, isto é, pelo modo de inter-relacionar os elementos, sem hierarquia”. A horizontalidade desfaz a concentração do poder comunicacional nas mãos de um indivíduo, favorecendo as relações todos-todos e reafirmando a importância de cada nó. Não há possibilidade de isolamento entre indivíduos, já que a colaboração e a formação de novas estruturas torna-se condição *sine qua non* para a manutenção da rede e para a permanência do indivíduo dentro da conexão.

A vantagem dos ambientes colaborativos para os alunos, segundo Romanó (2003), reside no aumento das competências sociais, da interação e comunicação efetivas, favorecendo o desenvolvimento do pensamento crítico, o que lhes permite conhecer diferentes temas e adquirir nova informação. Além disso, reforça a ideia de que cada aluno é um professor, diminui os sentimentos de isolamento e receio da crítica, aumenta a autoconfiança, a autoestima e a integração no grupo e fortalece o sentimento de solidariedade e respeito mútuo.

Diante do exposto, é possível conceber uma rede social online como:

[...] forma de comunicação mediada por computador com acesso à internet, que permite a criação, o compartilhamento, comentário, avaliação, classificação, recomendação e disseminação de conteúdos digitais de relevância social de forma descentralizada, colaborativa e autônoma tecnologicamente. (LIMA JUNIOR, 2009, p. 97).

É possível enxergar, sob a ótica dos estudos de Castells (1999), que as redes apresentam-se como nova organização social, cuja lógica é capaz de modificar a operação e os resultados das produções, da experiência, do poder e da cultura. Isso requer do indivíduo novos olhares e novas formas de agir sobre, quebrando paradigmas e assumindo novas posturas diante da realidade, influenciando a cultura da sociedade na qual está inserido.

Sendo assim, o estudo das redes tem por base a formação das estruturas sociais, em como são compostas a partir da comunicação através do computador, mas, principalmente, como as interações entre pessoas mediadas pelo computador são capazes de gerar trocas sociais e o impacto por elas causado. Para Recuero (2009), faz-se necessário estudar os elementos das redes e seu processo dinâmico, a fim de compreender os variados nós que a compõem, levando em consideração os interesses dos indivíduos em fazer novas amizades, em compartilhar suporte social, confiança e reciprocidade.

3. Práticas *online* na aprendizagem presencial

A utilização de ferramentas tecnológicas na aprendizagem de conteúdos de ensino, promovendo a participação e cooperação entre os alunos e tornando o aprendizado mais significativo, condiz com as propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL, 1997), que determinam como um dos objetivos do Ensino Básico que os alunos saibam utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos.

Dessa forma, a educação precisa atender às exigências da sociedade atual, propondo uma revisão dos tempos e espaços nas escolas que estimulam a compreensão, afinal, conforme Valente (1999, p. 35), “a realização de tarefas pode acontecer no mesmo local, porém em tempos diferentes”.

Ao possibilitar o uso de tecnologias *online*, o professor estará proporcionando novas possibilidades de aprender, de estabelecer inferências, de atuar com autonomia, sem, necessariamente, estar preso ao espaço das “celas” de aula, como afirma Schneider (2006).

Ao possibilitar o uso de ferramentas digitais online, o professor estará promovendo o letramento de seu aluno, condição *sine qua non* para o exercício da cidadania, pois, conforme Kleiman (2006), as nossas atividades são realizadas no mundo social, em situações concretas, e é através da linguagem, nas suas diferentes modalidades, que realizamos muitas das ações que nos interessam. Tais situações determinam os tipos de atividades que podem ser realizadas e as possibilidades de interação, utilizando-se da linguagem como troca entre os sujeitos em sociedade (interacionista), o que implica na capacidade de criar ou construir contextos (construtivista). Sem essa capacidade de contextualizar, não seríamos capazes de agir em sociedade.

Assim, urge integrar novas propostas de utilização dos recursos tecnológicos às práticas pedagógicas, fazendo do ambiente escolar um local de pesquisa, ensino e colaboração. Porém, não basta propor pesquisas estéreis ao aluno, nas quais ele pouco ou nada consegue assimilar, mas, corroborando com Almeida (2009, p. 82), é preciso ir além do acesso, integrando significativamente os recursos tecnológicos e midiáticos, “criando condições para que alunos e demais membros da comunidade escolar possam se expressar por meio das múltiplas linguagens, dominar operações e funcionalidades das tecnologias”.

Para isso, é preciso planejamento e que o professor se torne, ele mesmo, usuário das ferramentas disponíveis na Internet. Participar de comunidades e redes sociais é o primeiro passo para essa apropriação, afinal, é impossível utilizar com precisão uma ferramenta que não se conhece. A partir da tentativa e erro e da reflexão na ação, como estabelece Schön (2000), novas possibilidades surgem, inclusive da troca de experiências com outros profissionais, num processo rico de aprender de forma colaborativa.

Inúmeras são as possibilidades de interação, de convergência de mídias diversas, de criação e recepção hipertextuais oportunizadas pela Internet e, atualmente, muitas redes sociais *online* conseguem agregar todos esses recursos, num só ambiente. Isso ocorre porque, conforme Recuero (2009), redes são dinâmicas, estão em constante mudança, oportunizando atualizações frequentes aos seus integrantes, operam em tempo real e dependem da cooperação entre os integrantes para expandir.

Dessa maneira, redes sociais como *Orkut*, *Myspace*, *Youtube* e *Facebook* podem abrigar, de forma positiva, diversas comunidades voltadas para o estudo, denominadas por Carvalho (2009) de redes de aprendizagem *online*, onde seus integrantes interagem entre si, como sujeitos do processo. Para tanto, é preciso que haja uma intencionalidade educativa, que promova trocas positivas entre eles, gerando crescimento mútuo.

Essa intencionalidade diz respeito à existência de um objetivo educativo explícito, uma proposta inicial para a aprendizagem e a presença de um ou mais professores envolvidos, como é possível verificar na pesquisa desenvolvida.

4. O docente e as redes sociais: propostas e desafios

A utilização de novos espaços de aprendizagem busca resgatar o interesse peculiar do aluno pelo que lhe é conhecido, que lhe é atrativo; aprender faz parte da essência do indivíduo e pode surgir das mais diversas situações e contextos, inclusive nas redes sociais, conforme explicita Carvalho (2009).

Partindo-se desse pressuposto, desenvolveu-se uma pesquisa entre dez dos trinta e um docentes do Colégio Estadual Senador Walter Franco, que, inicialmente, partiu da aplicação de um questionário para levantamento exploratório, contendo questões acerca da formação do docente, da utilização das TIC em sua prática de aula, de sua familiaridade com as mídias disponíveis *offline* e *online*, inclusive das redes sociais, dentre outras.

Na segunda etapa da pesquisa, formou-se um grupo focal, composto por seis docentes, a fim de, conforme Calder apud Dias (2000), proporcionar um conhecimento mais profundo e subjetivo do sujeito, permitindo a troca de informações, sugestões, experiências e propostas acerca das redes sociais e sua aplicabilidade como recurso pedagógico, cujo objetivo maior foi oferecer subsídios para que o professor possa utilizá-las com segurança.

A pergunta inicial do questionário tratou da oferta de disciplinas na formação docente, relacionadas ao uso das TIC. Dentre os entrevistados, apenas um afirmou ter obtido em seu currículo acadêmico uma disciplina com esse perfil.

Verificou-se a relação do docente com as TIC no Colégio Primavera, se sua utilização é direta, indireta, limitando-se a propor e orientar atividades nas quais os alunos utilizem as mídias ou se o professor não utiliza as TIC em nenhum momento, cujo resultado está exposto no gráfico 1:

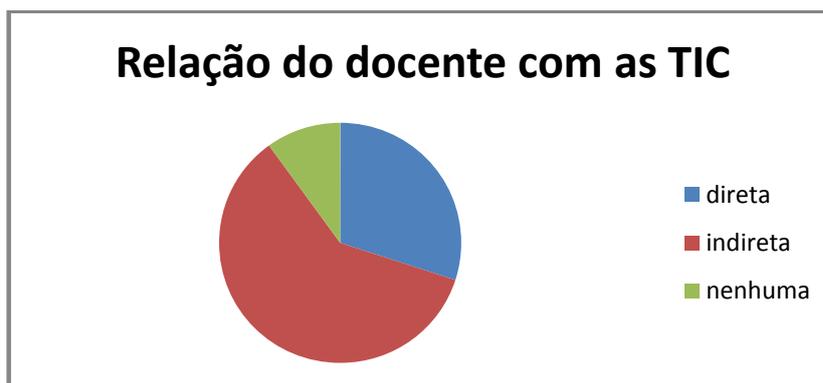


Gráfico 1. Relação do docente com as TIC na Unidade de Ensino
Fonte: Questionário de entrevista.

Outro ponto aborda o uso das mídias na prática pedagógica do docente, verificando quais delas são utilizadas com maior frequência. Mídias de áudio e vídeo perfazem 60% do total e o uso de computador com ou sem acesso à Internet foi apontado por 30% dos entrevistados. A frequência com que o docente as utiliza pode ser observado no gráfico 2:

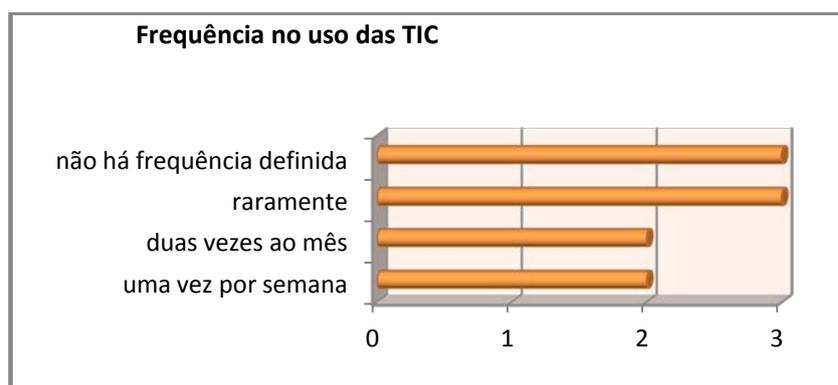


Gráfico 2. Frequência de utilização das TIC pelo docente
Fonte: Questionário de entrevista.

Infelizmente, a falta de uma frequência definida e a rara utilização das TIC perfazem as maiores somas, atestando a fragilidade da relação entre docente e mídias, uma vez que, diante de tantos recursos disponíveis, a utilização das TIC no ambiente escolar ainda é tímida e pouco consistente.

Solicitou-se o relato de alguma experiência relacionada ao uso das TIC, realizada pelo professor com seus alunos, verificando seus aspectos positivos, de que forma a aula se desenvolveu, se houve motivação bilateral e qual a tecnologia utilizada.

Alguns docentes relataram o uso do DVD com aulas expositivas prontas, utilizando televisão, computador e projetor multimídia, outros citaram a utilização de vídeos cinematográficos que contextualizam os conteúdos trabalhados, além de propostas de criação de vídeos pelos próprios alunos. Nota-se o reconhecimento do professor acerca da positividade de tal atividade, como nos relatos: *“A motivação dos alunos faz a diferença, fazendo com que nós professores preparemos nossas aulas cada vez melhor”* (DOCENTE 10,

2012).; “É visível a empolgação do aluno, pois a aula torna-se mais dinâmica” (DOCENTE 03, 2012).

Adentrando ao objeto da pesquisa buscou-se identificar de que forma o docente utiliza as redes sociais em sua prática pessoal e/ou profissional. Do total de docentes que responderam ao questionário, apenas um afirmou não utilizar as redes sociais disponíveis na Internet para uso pessoal. Como exemplo das redes utilizadas, citou-se o *Facebook*, *Hotmail*, *Orkut*, *Myspace*, *Weblog* e *Twitter*.

Concluindo o questionário de pesquisa, apresentou-se uma proposta pedagógica com a utilização de redes sociais aos docentes, convidando-os a compor um grupo focal, a fim de se discutirem as possibilidades de uso das redes como recurso didático facilitador do processo de ensino e aprendizagem.

Ofereceu-se uma oficina versando sobre um estudo teórico da aprendizagem colaborativa, utilizando-se das redes sociais. Apresentaram-se os estudos feitos pela pesquisadora, um vídeo tratando do tema e alguns exemplos de possibilidades de utilização das redes disponíveis em atividades pedagógicas.

Após a apresentação da oficina, colocaram-se duas questões para discussão: Quais as possibilidades de uso das redes sociais como ferramenta pedagógica? Que desafios o docente enfrenta e/ou enfrentará ao aliar o ensino ao ambiente virtual? Diante dessas questões, discutiu-se a viabilidade do uso das redes sociais de forma pedagógica na escola, com algumas colocações muito pertinentes dos docentes.

O grupo interagiu com facilidade, demonstrando interesse e animação com as possibilidades de desenvolvimento da proposta, com exceção de um docente, que discorreu sobre seus benefícios, julgando interessante, mas não julgou viável a possibilidade de utilização imediata, pois suas turmas são compostas por alunos do 6º ao 8º ano, acreditando que seja mais viável para alunos do Ensino Médio. Sua preocupação diz respeito ao fato do aluno não possuir maturidade, podendo se dispersar, buscando outras coisas inapropriadas na Internet, sob o pretexto do uso das redes.

A esse posicionamento, os demais docentes elencaram pontos importantes, como o fato dos alunos menores já utilizarem as redes sociais e que o professor precisa orientar esse uso, sugerindo a utilização de vídeos e *charges*, buscando levar para o aluno temas interessantes, que prendam sua atenção. Outro docente lembrou que não podemos negar a existência do virtual, nem podemos esperar que todos participem de forma positiva, mas se pode contar com uma ferramenta a mais para o ensino.

A partir da experiência com o grupo focal *online*, o grupo planejou a criação de grupos com suas turmas no *Facebook*, com o intuito de oferecer reforço nas disciplinas, postando *links*, vídeos e resumos que facilitem o trabalho. Além do *Facebook*, outras propostas utilizando o *Twitter* e o *Youtube* também foram apresentadas, para postagens de resumos e vídeos elaborados pelos próprios alunos.

5. Considerações finais

A aprendizagem é promovida pelo compartilhamento e pelo uso da informação, os quais, como resultado, possibilitam novos olhares, novos aprendizados, dentre eles os mais significativos são os novos conhecimentos e as novas habilidades adquiridos.

As redes, por se constituírem em espaços favoráveis ao compartilhamento da informação e do conhecimento, podem também se configurar como espaços de aprendizagem, tornando-se assim um ambiente para o desenvolvimento e para a inovação pedagógica. Isso ocorre porque as redes sociais permitem a partilha de conteúdos em múltiplos suportes.

Dessa forma, as redes sociais surgem como uma nova ferramenta de apoio ao ensino presencial, pela capacidade de convergência de mídias, capaz de oferecer ao docente e ao aluno variados recursos de aprendizagem, através da postagem de vídeos, hipertextos, áudios, pela possibilidade de organização de fóruns e troca de mensagens síncronas e assíncronas entre os integrantes, além das trocas interpessoais.

A familiaridade dos alunos com as redes sociais também é um fator relevante quando se trata de sua utilização em contextos escolares de aprendizagem. O maior poder das redes sociais em sua utilização pedagógica é a identificação imediata que os alunos têm com o processo, além de um sentimento de pertencimento, de que todos colaboram para a promoção do grupo, sem que isso dependa exclusivamente do professor.

É importante proporcionar ao docente uma visão mais abrangente da inserção das tecnologias, a partir de suas próprias vivências e das de seu alunado, já que, para muitos, o uso do computador e da Internet não são facilmente incorporáveis à prática pedagógica e, por isso, limitam-se ao uso do vídeo e do áudio. O desenvolvimento de estratégias para a formação em serviço, através da pesquisa e da busca por novas formas de ensinar e aprender, é uma maneira eficiente de se estabelecer a articulação entre teoria e prática, tão necessária para a superação dos desafios educacionais do século XXI.

6. Referências

ALMEIDA, M. E. B. Gestão de tecnologias, mídias e recursos na escola: o compartilhar de significados. *Em Aberto*, Brasília, v. 22, nº 79, p. 75-89. Jan/2009.

BRASIL, *Parâmetros Curriculares do Ensino Médio para Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. Brasília, DF: MEC.1997.

CARVALHO, Jaciara Sá. *Redes e comunidades virtuais de aprendizagem: elementos para uma distinção*. 2009. São Paulo, Faculdade de Educação da USP. Dissertação de Mestrado.

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges; Revisão Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. *Sociedade em Rede*. Tradução: Roneide Venâncio Majer; 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CIRIBELLI, J. P.; PAIVA, V. H. P. Redes e mídias sociais na internet: realidades e perspectivas de um mundo conectado. *Revista Mediação*, Belo Horizonte, v. 13, jan/jun 2011.

COSTA, Larissa et al. (Coord.). *Redes: uma introdução às dinâmicas da conectividade e da auto-organização*. Brasília: WWF-Brasil, 2003.

DIAS, Claudia Augusto. Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. *Informação & Sociedade: estudos*, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 141-158, 2000.

LÉVY, Pierre. A revolução contemporânea em matéria de comunicação. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, nº 9, pág. 43, dez/1998.

LIMA JUNIOR, W. L. Mídia social conectada: produção colaborativa de informação de relevância social em ambiente tecnológico digital. *Líbero (FACASPER)*. S. PAULO, V. VII, P. 95-106, 2009.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROMANÓ, R. S. (2003). Ambiente Virtuais para a Aprendizagem Colaborativa no Ensino fundamental. *ATHENA, Revista Científica de Educação*. Nº 2, 73-88. Disponível em <http://www.faculdadeexpoente.edu.br/upload/noticiasarquivos/1204057841.pdf#page=73>. Acedido em 12/02/2012.

SCHNEIDER, Henrique Nou. *Educação a distância via internet (e-learning): Contextualização (Know What), Justificativa (Know Why), Implantação (Know How)*. Aracaju: Rev. Candeeiro, ano IX, v.13-14, p.40-47, nov. 2006.

SHÖN, D. A. *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Tradução Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2000.

VALENTE, José Armando. Mudanças na sociedade, mudanças na Educação: o fazer e o compreender. Cap. 2. In: *O computador na sociedade do conhecimento*. José Armando Valente (org.). Campinas, SP: Unicamp/ NIED, 1999.